

DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>



MOTA, Avelino Teixeira da (Lisboa, 1920 – 1982)

Oficial de Marinha, professor, historiador, deputado, quadro administrativo colonial, investigador, Avelino Teixeira da Mota deixou uma vasta obra que abarca os mais variados domínios do saber. As suas investigações tanto no domínio da cartografia e das relações luso - africanas, como dos Descobrimentos e da história da navegação traduziram-se numa produção científica avultada e assinalável. Após frequência do liceu Passos Manuel (1931-38) e do 1º ano da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa (1938-39), Teixeira da Mota entra para a Escola Naval em 1939, sendo seleccionado para o Curso de Marinha, alcançando a patente de Vice-Almirante por distinção em 1981.

Em 1943 Teixeira da Mota apresentava como Memória de Guarda-Marinha: “O «Regimento da Altura de Leste-Oeste» de Rui Faleiro (Subsídios para o Estudo Náutico e Geográfico da Viagem de Fernão de Magalhães)”. A investigação impressionou o corpo docente da Escola Naval, pela forma segura como um jovem de apenas 23 anos havia estudado e analisado os complexos problemas técnicos da primeira viagem de circum-navegação. Na cuidada investigação que Teixeira da Mota levava a cabo, nesses anos iniciais da sua vida naval, ficavam traçados os interesses científicos que iria desenvolver na sua extensa obra: a História dos Descobrimentos; a História da Náutica e da Cartografia; a rivalidade lusa – castelhana nos séculos XV e XVI; o estudo do Atlântico, no âmbito da sua geografia física e humana.

O seu interesse pela História dos Descobrimentos, que surgira na adolescência, alargou-se na Escola Naval à náutica e à cartografia. Devoto leitor de Jaime Cortesão, Joaquim Bensaúde e António Barbosa, Teixeira da Mota “descobre”, durante os seus estudos como cadete, a *Marinharia dos Descobrimentos* (1934) do Comandante Fontoura da Costa, e *Cartografia e Cartógrafos Portugueses dos séculos XV e XVI* (1935) de Armando Cortesão, duas obras que muito o irão influenciar nos trabalhos que enviará para o prelo. Seguindo o exemplo que lhe oferecia uma plêiade de oficiais-historiadores da geração anterior, e reivindicando para a Marinha um protagonismo nas problemáticas da História dos Descobrimentos, Teixeira da Mota enumera alguns pontos que pensa serem imprescindíveis para renovar os estudos sobre as navegações portuguesas nos XV e XVI: os documentos cartográficos, o estudo da náutica de outras marinhas e do magnetismo, a evolução da carta de marear, o problema da longitude na cartografia, a influência da cartografia portuguesa na de outros países.



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

No dia 16 de Setembro de 1943, Teixeira da Mota é aumentado ao efectivo do Corpo de Oficiais da Armada, com o posto de 2º Tenente. De seguida faz estágios de embarque em vários navios: contratorpedeiros “Dão” e “Vouga”, canhoneira “Faro”, navio-escola “Sagres”, aviso “Afonso de Albuquerque”. No ano seguinte (21 de Setembro de 1944), embarca como “oficial de guarnição” no contratorpedeiro “Lima”. Uma nova etapa estava prestes a iniciar-se na sua vida: o trabalho numa administração ultramarina. De facto, em 1945 é convidado pelo comandante Sarmento Rodrigues para seu Ajudante de Campo no Governo da Guiné Portuguesa.

A actividade científica de Avelino Teixeira da Mota terá de ser inserida, obrigatoriamente, no seio da profunda renovação das Ciências, que se incrementa em Portugal entre o último quartel do século XIX e a primeira metade do século XX. Os impulsionadores dessa renovação encontram-se entre a *geração de setenta* de oitocentos: Oliveira Martins, Antero de Quental, Jaime Batalha Reis, Adolfo Coelho ou Teófilo Braga. Tal esforço teve continuadores nas primeiras três décadas do século XX, através do pensamento crítico de António Sérgio, do apurado rigor das análises historiográficas de Duarte Leite, da erudição de Jaime Cortesão, prolongando-se nas décadas subsequentes, de quarenta, cinquenta e sessenta, nas profícuas *lições* de cultura portuguesa de Joaquim de Carvalho (1892-1958), na erudição de Damião Peres (1889-1976), nas produtivas obras de Armando Cortesão (1891-1978), Luís de Albuquerque (1917-1992), Joaquim Barradas de Carvalho (1920-1980), Luís de Matos (1911-1995), Jorge Borges de Macedo (1921-1996) e Vitorino Magalhães Godinho (1918-). Não podemos, sequer, diminuir ou ocultar outras disciplinas, como a Antropologia e a Geografia, com influência directa na produção historiográfica, e que concorreram para a sua renovação. São de referir, em especial, os contributos do antropólogo Jorge Dias e dos geógrafos Amorim Girão e Orlando Ribeiro, este último de quem Teixeira da Mota se dizia um seguidor.

Entre 1922 e 1937, publicaram-se duas grandes histórias de Portugal. Uma com um cunho marcadamente individual, da autoria de Fortunato de Almeida; outra, colectiva, sob a direcção de Damião Peres. Jaime Cortesão, David Lopes, João Lúcio de Azevedo, Joaquim de Carvalho, Queiroz Veloso, foram alguns dos autores que participaram nesta História de Portugal «monumental», que se tornou uma referência na historiografia nacional. Para além disso, registe-se, a publicação, ainda na década de trinta, de três obras que vieram a ter um papel fundamental no campo de estudos sobre os Descobrimientos, a História da Cartografia e da Náutica: a *História da Expansão Portuguesa no Mundo* (1936-1940), com direcção de António Baião, Hernâni Cidade e Manuel Múrias; as "Obras Completas" de Luciano Pereira da Silva (1943-1946); e os *Descobrimientos Portugueses* (1944-1971) de João da Silva Marques - publicação de várias centenas de valiosos documentos, que só mais tarde ficaria concluída. Estes eram alguns dos instrumentos disponíveis para quem se iniciava na investigação da História dos Descobrimientos, da Náutica e da Cartografia, em meados dos anos quarenta.

Com o fim da 2ª Guerra Mundial e o aparecimento de uma nova geração, surgiu um público que não estava interessado, somente, numa História exclusivamente nacionalista, sustentada em métodos de



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

simples erudição . Houve necessidade de sínteses mais explicativas, com um maior grau de rigor metodológico e auxílio de outras ciências.

Teixeira da Mota vem a participar nesse movimento renovador, estabelecendo contactos estreitos com muitos dos que haviam encetado esse trabalho. A troca de ideias e a discussão, ao longo de anos, com Vitorino Magalhães Godinho, Jaime Cortesão, ou a sua colaboração científica com Armando Cortesão e Luís de Albuquerque, deixam pouca margem para dúvidas do papel que lhe coube no esboçar dos novos caminhos que historiografia portuguesa percorreu na segunda metade do século XX. Acima de tudo, esclarecia, não tinha a ideia de que o passado se devia estudar para apresentar factos gloriosos: mas para ser compreendido.

Destacamos quatro dos seus estudos, e uma obra em co-autoria, como trabalhos que contribuiriam para a renovação da historiografia portuguesa ao longo do século XX - a) *A Descoberta da Guiné* (1946), b) *A Arte de Navegar no Mediterrâneo nos Séculos XIII-XVII e a criação da Navegação Astronómica no Atlântico e Indico* (1957); c) *A Viagem de Bartolomeu Dias e as Ideias geopolíticas de D. João II* (1958); d) *A Escola de Sagres* (1960); e) *Portugaliae Monumenta Cartographica* (1960-62).

A África, os seus povos, culturas, religiões, a geografia física e humana do continente negro são centrais na escrita e no pensamento de Teixeira da Mota. De facto os seus doze anos sucessivos em África (1945-1957), vão-lhe abrir imensos horizontes no campo da investigação e contactos estreitos com um corpo de cientistas europeus que aí exercia cargos nas administrações ultramarinas. A renovação das Ciências, e muitos dos progressos científicos, também passam por essas campanhas científicas europeias em África no pós-guerra. Muitas das novidades da historiografia produzida por Teixeira da Mota são profundamente influenciadas por esse ambiente científico e intelectual. Os doze anos em que viveu na costa ocidental de África contam-se entre os mais fecundos da sua vida intelectual. Do gosto pela História e pela Geografia passara a interessar-se por ciências como a Antropologia, Etnografia ou Topografia. “A Descoberta da Guiné”, o seu primeiro grande trabalho de investigação que veio a público, saiu em 1946 no *Boletim Cultural da Guiné Portuguesa* e logo agitou as águas da historiografia portuguesa, que nesses anos se debatia entre a tradição e a renovação. O conhecimento directo das populações e do meio geográfico, complementado com a utilização de antigos textos, muitos desaproveitados pela historiografia, deram oportunidade ao então Ajudante de Campo do Governador da Guiné Portuguesa de resolver o intrincado problema da cronologia e de todo o processo que rodeou “descobrimento” da Guiné.

O estudo de Teixeira da Mota aparecia num momento de animada controvérsia intelectual. De um lado os historiadores afectos ao regime, do outro os que combatiam uma história transformada em propaganda, serva das ideologias políticas e de um Estado autoritário. O “duelo” que se vai assistir entre o Padre Dias Dinis, que se apressa a publicar *O V Centenário do Descobrimento da Guiné Portuguesa à Luz da Crítica Histórica* e Duarte Leite, Magalhães Godinho e Damião Peres, testemunha esse confronto intelectual. Teixeira da Mota, um jovem oficial de Marinha com 26 anos, opta conscientemente por um dos lados – pela



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

história científica que ajuda a compreender o passado e a sociedade. O estudo sobre a descoberta da Guiné (1946), não tem outro papel senão contribuir para o esclarecimento do debate então em curso.

Uma das maiores transformações dos Descobrimentos deu-se na arte de navegar. Navegando em mar aberto, longe das costas, sem pontos conspícuos à vista e tendo de contornar ventos e correntes adversas, que os levava a engolfar-se no oceano profundo, os marinheiros tiveram de se socorrer dos astros para navegar no mar alto. Herdeiros das técnicas de navegar mediterrânicas, que se apoiavam no “rumo e estima”, na carta rumada e na agulha de marear, na sonda, e muito em especial na experiência (estima) do piloto, os portugueses vão desenvolver em meados do século XV uma nova forma de navegar baseada no recurso à altura dos astros e no cálculo de uma coordenada geográfica – a latitude.

António Barbosa vai provar, a partir de 1938, que no Mediterrâneo nunca se navegou por alturas até ao século XVII. Os navios faziam nesse mar interior uma navegação essencialmente costeira, utilizando a descrição das costas contidas nos portulanos e a carta com rumos magnéticos que representava o Mediterrâneo defeituosamente, por os cálculos serem feitos pelo norte magnético e não pelo Norte Verdadeiro. Cerca de vinte anos depois de António Barbosa, Teixeira da Mota reforçava esta posição - com o estudo *A Arte de Navegar no Mediterrâneo nos Séculos XIII-XVII e a criação da Navegação Astronómica no Atlântico e Índico* (1957) - avançando um pouco mais na questão, nomeadamente na comparação das formas de navegar nos oceanos, integrando agora na discussão a navegação árabe no Índico.

Pensava-se, até esse momento, que a navegação astronómica começara no Atlântico com a determinação das latitudes e o emprego imediato de cartas náuticas graduadas com escalas dessa coordenada. Teixeira da Mota coloca a questão de outra forma. Estudando as propostas de António Barbosa e da historiadora britânica E.G.R. Taylor, dá conta de uma fase anterior ao emprego das latitudes, muito semelhante à forma de navegar dos pilotos no Índico. Isto é, inicialmente os marinheiros portugueses utilizavam a diferença de alturas de astros para controlar o caminho no sentido norte-sul, empregando as latitudes como meras conhecenças costeiras.

A Viagem de Bartolomeu Dias e as Concepções Geopolíticas de D. João II (1958) – o artigo saiu no ano em que se comemorava os 470 anos da passagem do cabo da Boa-Esperança por Bartolomeu Dias. O estudo debruçava-se sobre um dos reinados mais evocados na História de Portugal: o de D. João II (1481-1495). Trabalhos anteriores, alicerçados em leituras das crónicas de Rui de Pina, Garcia de Resende e de Damião de Góis, tinham enaltecido a política de D. João II, associando-a a um período áureo da História do pequeno reino de Portugal. Esses estudos patrióticos sublinhavam as pretensões do monarca quanto ao espaço Atlântico; o seu “projecto das Índias” para atingir a Ásia, contornando a África; uma eficaz administração ultramarina desde 1474; o aumento dos contactos diplomáticos; a sua actuação arguta - autêntica de um príncipe do Renascimento. Faltava, todavia, uma explicação coerente, uma análise global, suficientemente esclarecedora, acerca das reais pretensões do Príncipe Perfeito, capaz de problematizar as “leituras” geográficas existentes na Corte, e na Europa, e a política africana - central nas ambições de D.



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

João II. Teixeira da Mota pretendeu estudar a acção e obra do monarca, mas desde logo esclarece que era usual elevarem-se ao pedestal, erroneamente, outras figuras, atribuindo-lhes feitos despropositados. O que não era o seu intuito. Isso mesmo refere neste estudo, tendo presente o estudo da história e não dos heroísmos e feitos. Seria, justamente, a experiência africana de Teixeira da Mota e de oficial de brigada da Missão Geo-hidrográfica da Guiné, que lhe possibilitou uma análise inovadora sobre a actuação de D. João II. E os seguros conhecimentos cartográficos, não trariam nada de novo? Pensamos que a chave estava, precisamente, na experiência e nos conhecimentos que adquirira no continente africano e no seu conhecimento profundo da cartografia antiga. Em conclusão, neste ensaio sobre as “Ideias Geopolíticas de D. João II” surge-nos, adquirida em África e enriquecida no aperfeiçoamento de métodos e técnicas que incorporavam novas problemáticas, uma nova abordagem historiográfica, divergindo claramente das correntes coevas, mais afectas a uma ideia de história baseada nos feitos heróicos.

A Escola de Sagres, instituição académica provida dos melhores cosmógrafos, geógrafos, cartógrafos, pilotos e outros “cientistas” do tempo, apetrechada de um observatório astronómico e vocacionada para o ensino da navegação aos rudes marinheiros que partiam do Algarve em busca de novas terras, foi um tema que se alojou de forma profunda na mentalidade popular e em alguma historiografia. Intelectuais e personalidades ligadas à Cultura e às Artes, um pouco por todo o Mundo, ainda hoje consideram como válida a existência no século XV de uma academia naval erudita em Sagres.

Teixeira da Mota abordou o assunto (Escola de Sagres 1960) em pleno ciclo comemorativo henriquino, no ano de 1960, perante uma assistência composta na sua grande maioria por cadetes da Escola Naval, no promontório de Sagres. E não se eximiu, logo na abertura da palestra, de dizer que a primeira parte da comunicação era a dedicada a mostrar que não houve «Escola de Sagres». Posição, que nas grandes suas linhas mestras, recua aos debates que vinham da década de vinte do século XX, e que se iriam aprofundar e renovar nesse início de década, encontrando no Oficial de Marinha-historiador um dos autores que afastava a intromissão do mito na evocação da história.

A posição que Teixeira da Mota defendia era arrojada. Não há dúvida. Mas ao recentrar a questão da Escola de Sagres no seu *simbolismo*, deixava a porta entreaberta para as posições mais conservadoras que se situavam dentro da estrutura do Estado Novo e nos meios científicos a que estava vinculado, salvarem a face. Lembre-se que uma constante dos discursos oficiais ou oficiosos, muito comum, nesse ano, centrava-se na imagem idealizada de um Infante cientista, sábio, um romântico em Sagres, arquitecto do plano para atingir a Índia.

Portugaliae Monumenta Cartographica (1960-62), editada em 5 volumes, mais um pequeno volume de índices, é, em parte, um ponto de chegada. É a obra de uma vida de labor e esforço, de trabalho e investigação nas matérias relacionadas com a cartografia (geodesia e topografia) e, particularmente, no estudo da cartografia antiga. Para os seus dois autores, Armando Cortesão e Teixeira da Mota, foi um sonho tornado realidade: reproduzir e estudar toda a cartografia portuguesa antiga, conhecida, até ao



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

século XVII. Esta foi a obra de referência das comemorações henriquinas em 1960. O papel de Teixeira da Mota foi particularmente marcante nos últimos volumes dos *Portugaliae*. Escreveu sobre a maior parte dos cartógrafos de fins do século XVI e sobretudo do século XVII.

Importa integrar os estudos de Teixeira da Mota em instituições e círculos académicos que estiveram sempre presentes na sua vida científica, contribuindo a sua acção e o seu trabalho para os dinamizar. Se começou pelo Centro de Estudos da Guiné Portuguesa, que ajudou a erguer, não tiveram menos importância no seu trabalho de investigador, O Clube Militar Naval, a Sociedade de Geografia de Lisboa, o Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, o Agrupamento de Estudos de Cartografia Antiga, que dirigiu. Pertenceu ainda à Academia Portuguesa de História, a Academia de Ciências de Lisboa, e por fim o Centro de Estudos de Marinha, que deu origem, mais tarde, à Academia de Marinha, da qual foi seu 2º Presidente. Em todas estas instituições, Avelino Teixeira da Mota encontrou apoio, revistas especializadas para escrever e divulgar os seus estudos, formas de estabelecer colaboração, grupos de discussão e obras colectivas para participar. Além de que as suas funções como professor da Escola Naval (1958-1965) e professor convidado da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (1965-1969), lhe dão a possibilidade de contactos profundos e estreitos com a comunidade académica e científica.

O conjunto da obra de Avelino Teixeira da Mota pode ser dividido em duas grandes áreas. Por um lado, os textos relativos ao estudo da cartografia antiga, da náutica e da expansão portuguesa; por outro, os estudos pioneiros, em Portugal, sobre as relações afro-portuguesas, as sociedades africanas e a História de África. Importa esclarecer, que esta dualidade se deve às funções profissionais daquele oficial de Marinha. Se é verdade que o seu interesse pelas matérias de âmbito náutico e cartográfico despontam ainda na Escola Naval, não é menos verdade que as suas primeiras publicações relativas à África e às relações luso-africanas só aparecem anos mais tarde, entre meados da década de 40 e o início dos anos 50, quando era o principal dinamizador do Centro de Estudos da Guiné - de que foi fundador e presidente na década de cinquenta - e prestava serviço como Ajudante de Campo do Governador, passando em seguida à Missão Geo-hidrográfica local.

Quando regressa, em 1971, das comissões de serviço na Guiné e em Angola Teixeira da Mota é destacado em comissão especial para o Ministério do Ultramar, com o intuito de dirigir o Agrupamento de Estudos de Cartografia Antiga, onde pensa publicar, com estudos críticos e edições em várias línguas, fontes portuguesas para a História da África. A tarefa revelar-se-ia difícil e irrealista para o panorama científico e cultural da altura, atendendo ao facto de o país passar nos anos seguintes por um período de transição social e política.

Em 1976, Teixeira da Mota passa à situação de reserva no posto de Capitão-de-mar-e-guerra (promoção esta de 1973), ficando na efectividade de serviço; desempenha funções no Tribunal da Marinha e no Ministério da Defesa Nacional. Era entretanto convidado por universidades e instituições internacionais para proferir palestras. No início da década de oitenta, é encarregado de esboçar o Guião para um dos núcleos



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

principais da XVIIª Exposição de Arte, Ciência e Cultura Europeia, mas adoece gravemente deixando o projecto praticamente acabado para a grandiosa exposição, que simbolizava o reapertar dos laços de Portugal com o resto da Europa, depois do “período africano”.

Teixeira da Mota faleceu em 1982. Nesses anos finais da sua vida tentava reunir apoio para editar fontes portuguesas para o estudo das sociedades africanas. Esse foi o seu grande projecto de investigação inacabado, que visava uma aproximação entre Portugal e África.

Oficial de Marinha com uma notável folha de serviços e historiador de reconhecidos méritos, Avelino Teixeira da Mota deixou uma vasta obra, assente em criteriosos métodos científicos ainda hoje, em muitos dos seus pontos, actuais. Pessoa metódica, com alto sentido de organização em tudo o que fazia, entregou-se como um eremita ao estudo e à investigação de várias ciências, legando para a posteridade um património bibliográfico que abarca os mais variados domínios do saber. As suas investigações tanto no domínio da Marinharia, da Náutica, da Cartografia e das relações luso- africanas, como dos Descobrimentos e em especial da cartografia antiga, constituem nos dias de hoje uma referência obrigatória para qualquer estudioso destas matérias.

Bibliografia activa: Guiné Portuguesa, Lisboa, Agência Geral do Ultramar, 2 Volumes, 1954, 394 + 298 pp.; Portugaliae Monumenta Cartographica, Lisboa, 5 vols. e Índice final, 1960. De colaboração com Armando Cortesão. Reedição fac-similada: Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1988; Mar, Além Mar, estudos e ensaios de História e Geografia, I (1945-1947), Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, Agrupamento de Estudos de Cartografia Antiga, 1972; O Regimento da Altura de Leste – Oeste de Rui Faleiro, Subsídios Para o Estudo Náutico e Geográfico da Viagem de Fernão de Magalhães, Memória Apresentada Pelo Guarda - Marinha Avelino Teixeira da Mota, Lisboa, Edições Culturais da Marinha, 1986, 254 pp.; "Como Foi Descoberta a Guiné", Anais do Clube Militar Naval, Tomo LXXVI, 3-4, Março – Abril, 1976, pp. 173-194; "A Arte de Navegar no Mediterrâneo nos Séculos XIII-XVII e a criação da Navegação Astronómica no Atlântico e Indico, Anais do Clube Militar Naval, Lisboa, Tomo LXXXVII, n.º 7-8, Julho-Setembro, 1957, pp. 453-474; "A Viagem de Bartolomeu Dias e as Ideias geopolíticas de D. João II", Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa, Série 76, n.º 9-12, Outubro -Dezembro, 1958, pp. 297-322; "A Escola de Sagres", Anais do Clube Militar Naval, n.º especial, 1960, pp.39-54; "Jaime Cortesão, Historiador da Expansão Portuguesa", Revista Ocidente, Vol. 61, Lisboa, 1961, pp. 43-61.

Bibliografia passiva: FARIA, Francisco, Elogio do Almirante Avelino da Mota pelo Académico de número [...], Lisboa, Academia Portuguesa de História, 1985; HAIR, P.E.H., "The Teixeira da Mota Archive and the Guinea Texts Project", History in Africa, 10(1983), pp. 387-394; Teixeira da Mota (1920-1982) in Memoriam, Lisboa, Academia de Marinha, imp. Instituto Hidrográfico, 1983; VALENTIM, Carlos Manuel, O Trabalho de uma Vida. Biobibliografia de Avelino Teixeira da Mota, Lisboa, Edições Culturais da Marinha,



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

2007; Idem, "O Legado do vice-almirante Teixeira da Mota", Revista da Armada, n.º 352, Abril de 2002, p. 35; Idem, "A África na Acção e na Obra de Avelino Teixeira da Mota (1920-1982). Notas para uma biografia". Anais do Clube Militar Naval, Vol.CXXXIV, Outubro -Dezembro 2004, pp.779-809; Idem, Avelino Teixeira da Mota: Ajudante de Campo do Governador da Guiné (1945-1947), Lisboa, Academia de Marinha, 2005, 40 pp. Idem, "Teixeira da Mota na Missão Geo-Hidrográfica da Guiné (1947-1957). Contributos para o estudo da exploração científica do Ultramar no Estado Novo", Anais do Clube Militar Naval, Vol. CXXXVI, Outubro -Dezembro 2006, pp.731-754; Vice-Almirante A. Teixeira da Mota In Memoriam, Lisboa, Academia de Marinha, Instituto de Investigação Científica Tropical, 2 volumes, 1987-1989; WALLIS, Helen, "Avelino Teixeira da Mota – Obituary", Imago Mundi, The Journal of the International Society for the History of Cartography, second series, Lympe Castle, Vol. 40, 1988, pp. 129-130.

Carlos Manuel Valentim



APOIOS:

FCT
Fundação para a Ciência e a Tecnologia

BNP BIBLIOTECA
NACIONAL
DE PORTUGAL

FUNDAÇÃO
LUSO-AMERICANA